

Ferenczi, a experiência psicanalítica e a realidade clínica¹

Nelson Ernesto Coelho Junior,² São Paulo

Resumo: Este artigo investiga a noção de experiência psicanalítica em uma de suas origens, ou seja, a experimentação clínica e teórica na obra de Sándor Ferenczi. Com base em sua definição da psicanálise como um método experimental e a afirmação de que a psicanálise é um tipo de psicologia experimental, busca-se compreender a importância dessa concepção para o desenvolvimento posterior do pensamento e da clínica psicanalítica. Explora-se, simultaneamente, aspectos epistemológicos e clínicos, com o intuito de explicitar a contribuição do psicanalista húngaro para o desenvolvimento da psicanálise contemporânea. Por fim, procura-se aproximar a noção da experiência psicanalítica da concepção da realidade clínica, definida como o contexto ou a situação em que está presente a tensão entre a realidade psíquica (e suas inumeráveis expressões) e a realidade material ou externa (com suas diferentes formas de efetividade).

Palavras-chave: experiência psicanalítica, Ferenczi, psicologia experimental, realidade clínica, psicanálise contemporânea

Talvez o grande desafio posto para todos nós nos meses que se seguiram ao reconhecimento da pandemia de covid-19, em março de 2020, evidentemente além de só procurar sobreviver, tenha sido transformar a intensidade afetiva de medos, pavores e desesperança em uma *experiência* passível de ser compreendida e assimilada psiquicamente.

1 Uma primeira versão deste texto foi apresentada no evento “Contribuições de Ferenczi para a psicanálise contemporânea”, realizado na Sociedade de Psicanálise de Brasília em 27 de novembro de 2021 e publicada na *Revue Française de Psychanalyse*, 86(4), 833-843. A atual versão foi ampliada e modificada.

2 Psicanalista, doutor em Psicologia Clínica, professor e pesquisador do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), no qual coordena o Grupo de Pesquisa Psicanálise Experimental.

Noites em claro, pesadelos, voracidade alimentar e alcoólica ou total perda de apetite, além do acompanhamento diário de mortes e casos confirmados de contaminação pelo vírus, criaram um cotidiano muito angustiante e de difícil travessia. Para aqueles que tinham como atividade principal o atendimento psicanalítico de pacientes, outros desafios se impuseram, a começar pela criação e adaptação do setting analítico às novas condições impostas pelo confinamento, além do confronto com a contratransferência que mais indicava o movimento de uma simetria do que da necessária assimetria da situação analítica. É claro que o que mais nos atingiu foram as situações em que as experiências vividas, por se sobreporem, contaminavam afetivamente a possibilidade de elaboração e pensamento. Todos diante do mesmo medo, da mesma angústia. Mas seria de fato a mesma coisa? Como diferenciar e distinguir o que era específico de cada um de nós, no medo, na angústia? Por se sobreporem, as *experiências vividas* exigiram simultaneamente um trabalho de reconhecimento do que havia em comum no par analítico, ao lado da necessária *diferenciação da experiência* de cada um dos membros.

Tratava-se (e de certa forma ainda se trata) do enfrentamento de um trauma coletivo, de um desafiador trabalho de elaboração e transformação da experiência psíquica de um indivíduo, de grupos familiares e até mesmo de grandes grupos sociais. Diante dessas grandes exigências de simbolização e elaboração, uma das marcas menos reconhecidas das dimensões intersubjetivas no contexto psicanalítico precisa ser destacada: trata-se do trabalho coletivo e da experimentação coletiva diante das angústias e do trauma. Há aqui duas dimensões intersubjetivas concomitantes. A primeira diz respeito ao enfrentamento coletivo das angústias produzidas pelo relato dos atendimentos, que evidentemente ecoavam as angústias de paciente e analista compartilhadas nas sessões (trabalho que tentamos efetivar em supervisões e grupos clínicos horizontais), acrescida das angústias próprias decorrentes do solo de experiências traumáticas de cada um dos membros do grupo. A segunda dimensão intersubjetiva é a da produção e elaboração de ideias e textos, as nossas experimentações por meio das ficções teórico-clínicas, que, embora tragam a marca singular de cada autor, revelam acima de tudo

o esforço coletivo necessário para o enfrentamento da agonia, do vazio e da negatividade presentes em uma experiência traumática como a que estamos vivendo nestes dois últimos anos.

É nesse último plano, mas graças ao que pôde ser vivido no primeiro, que incluo este artigo. Um dos grupos de que participo e que foi decisivo para sustentar minhas condições de viver e pensar nesse período é o Grupo de Pesquisa Psicanálise Experimental, que coordeno no Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da USP e que se reúne há 25 anos, sempre às sextas-feiras. Trata-se de um grupo de orientação e pesquisa e, portanto, por ele passaram diferentes colegas que vieram me procurar para realizar suas pesquisas de Iniciação Científica, Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado em psicanálise. Alguns ficam, outros saem, alguns voltam. Como é possível deduzir, “psicanálise experimental” é um nome que surgiu da junção de “psicanálise” e do Departamento em que estou no IP-USP, o “Experimental”. Para nós, psicanalistas, em geral, “experimental” não é um adjetivo que costuma acompanhar o que se entende por “psicanálise”. Trata-se, mais do que tudo, de uma ideia que pareceu divertida ao nosso grupo quando chegou o momento de pensar um nome para designá-lo. Brincar com a noção de experimental, mas também com a de psicanálise. É antes uma provocação, muito mais do que a construção de uma nova identidade psicanalítica.

No desenvolvimento histórico da psicanálise no Brasil, a universidade tornou-se um solo fértil para que as teorias analíticas pudessem estabelecer aproximações e diferenciações, tanto entre si, considerando a extensa variedade de proposições analíticas, quanto em relação às outras áreas das ciências humanas e biológicas. Apesar de sabermos que a produção acadêmica não se confunde com a formação analítica, muitos dos importantes desenvolvimentos teóricos e clínicos contemporâneos surgiram de pesquisas realizadas nos bancos da universidade. Orientei mais de 70 pesquisas com base no pensamento de Freud, Ferenczi, Melanie Klein, Winnicott, Bion, Searles, Bick, Ogden, Green, Pontalis, Fédida, Laplanche, o casal Botella, o casal Baranger e Silvia Bleichmar, entre outros, e dos temas mais variados,

sobre metapsicologia, psicanálise e ciência, ética e técnica, trauma e experiências precoces, violência e psicanálise, história da psicanálise, fantasia, realidade e percepção na clínica psicanalítica etc. As pesquisas acabaram sendo realizadas levando em conta as tensões entre a tradição e a inovação, por um lado, e a semelhança e a diferença, por outro. De forma geral, o espírito do grupo converge para uma linha de trabalho desenvolvida pela psicanálise contemporânea, na qual se busca uma permanente articulação entre as dimensões intrapsíquicas e intersubjetivas. Entendo, como desenvolverei em seguida, com base em Ferenczi, que a aproximação entre os dois termos, “psicanálise” e “experimental”, pode contribuir para a manutenção de uma psicanálise multifacetada e não dogmática. E, com isso, insistir na necessidade de a psicanálise manter-se viva, vitalizando-se nas permanentes tensões entre o conhecido e o desconhecido, o tradicional e o inovador e a semelhança e a diferença. E de brincar, seriamente, com a ideia de uma psicanálise experimental.

Ferenczi e a experiência clínica

O nascimento e o desenvolvimento da psicanálise nos primeiros 40 anos de sua história se devem à disposição única de Freud (a disposição inaugural), mas também muito à de Ferenczi, para experimentar clinicamente, por meio de sua grande aptidão e coragem, em busca de alternativas à técnica padrão proposta por Freud para o atendimento de casos de neurose. Para Christopher Bollas,³

Freud tolerou os chocantes exemplos clínicos de Ferenczi e suas invenções clínicas porque ele seguramente percebia que ou bem Ferenczi estava vendo pacientes que ele Freud não havia visto antes ou, mais provável, que Ferenczi estava vendo o que Freud não se permitia experimentar e, portanto, ver. (2011, p. xv)

3 Devo ao amigo Eugênio Canesin dal Molin a indicação desse livro e de algumas das referências da obra de Ferenczi que usarei a seguir (Molin, 2012, pp. 1175-1189).

E, prossegue Bollas, indicando aquilo que Freud não se arriscava a experimentar:

O que Ferenczi viu foi a chegada da transferência e, na experiência emocional do psicanalista, das profundamente traumáticas experiências primitivas que foram experienciadas no “Real” – para invocar Lacan – e que só poderiam ser lembradas no tratamento analítico. (2011, p. xv)

Para Bollas, Ferenczi era talhado para isso, enquanto Freud não tinha um temperamento favorável para essa forma de memória. Não é o caso de entrarmos aqui nas considerações sobre o que Bollas entende por “Real”, nem na sua avaliação das aptidões de Freud ou Ferenczi. Mais do que opor realidade externa a fantasia, as oposições (ou suplementaridades, como prefiro) entre Freud e Ferenczi me interessam no que cada um pôde avançar no que diz respeito à experiência psicanalítica. Apresento, a seguir, alguns aspectos da noção de experiência psicanalítica em Ferenczi e como eles ecoam na psicanálise contemporânea.

No texto “Dificuldades técnicas de uma análise de histeria” (Ferenczi, 1919/1993, p. 7) podemos encontrar uma primeira referência interessante à ideia de experiência. O contexto é o de defesa de uma maior atividade do analista por meio de injunções, proibições, provocações e incitamentos – e de como isso não consistiria em sugestão, mas em um “deixar-se surpreender de bom grado pelos rumos inesperados” que a análise pode seguir. Evidentemente, estamos aqui no território trilhado por muitos psicanalistas contemporâneos. Não se trata fundamentalmente de propor que o analista experimente uma maior atividade, mas acima de tudo de que ele se deixe surpreender pelos rumos inesperados... Podemos notar aqui a indicação clara de que cabe experimentar para avançar.

Logo antes, no mesmo texto, Ferenczi afirmava que “desde a descoberta da transferência e da ‘técnica ativa’, podemos dizer que a psicanálise dispõe, além da observação e da dedução lógica (interpretação), do método experimental” (1919/1993, pp. 6-7). Afirmação surpreendente. O que seria o método experimental, nesse contexto? A resposta

vem em seguida: “Esse tipo de ‘psicologia experimental’ é capaz, mais do que qualquer outro meio, de nos convencer da exatidão da teoria psicanalítica das neuroses segundo Freud, assim como da validade da psicologia fundamentada nela (e na interpretação dos sonhos)” (Ferenczi, 1919/1993, p. 8). Incrível indicação de Ferenczi, que talvez, aqui, precise ser posto ao lado de outros psicanalistas que buscaram um modo de experimentação que pudesse fundamentar com enquadramento científico formulações metapsicológicas, que para muitos eram apenas especulações. Nesse ponto cabe fazer referência a dois trabalhos psicanalíticos escritos entre o final dos anos 50 e o início dos 60 do século passado por autores distantes geograficamente, mas que mantiveram interesses que entendo serem herdeiros dessas posições de Ferenczi. Trata-se de “Experimentation within the psycho-analytic session”, trabalho de Henry Ezriel, e “La situación analítica como campo dinámico”, trabalho do casal Baranger. Ambos buscam certo grau de objetividade na observação psicanalítica por meio da construção de um método apoiado na observação do campo analítico, visto como um campo dinâmico. O campo é observado no aqui e agora. São as forças do campo que precisam ser reconhecidas. De alguma forma, elas comportam transferências, e, com isso, experiências passadas podem estar presentes, mas é o aqui e agora do campo que permite uma observação que eles entendem que pode ser objetiva. Voltarei a isso mais à frente.

Na parte escrita por Ferenczi (1924/1993) do livro com Otto Rank, *Perspectivas da psicanálise*, quando enfatiza o descompasso entre as evoluções teóricas da psicanálise e o uso da técnica, sempre em atraso, vamos encontrar:

As nossas próprias exposições esboçam, nesse sentido, o começo de uma fase que gostaríamos de chamar, por contraste com a precedente, a fase do experimentado. Enquanto antes o esforço era no intuito de obter um efeito terapêutico da reação do paciente às explicações dadas, queremos agora colocar o saber adquirido pela psicanálise totalmente a serviço do tratamento, provocando diretamente, em função de nosso saber, as experiências vividas (*Erlebnisse*) adequadas e limitando-nos a explicar ao

paciente somente essa experiência que, bem entendido, também lhe é diretamente perceptível. (p. 240)

Talvez a própria ideia de uma explicação (oferecida por meio de uma interpretação?) soe por demais estranha a nossos ouvidos contemporâneos. O lugar do analista está carregado de um poder que pode atualmente nos parecer excessivo, para dizer o mínimo. Mas entendo que a ênfase aqui deve ser posta na ideia de privilegiar o experienciado e, ao que parece, em detrimento de uma ideia de algo do passado.

Logo em seguida Ferenczi (1924/1993) prossegue:

Esse saber que nos coloca em condições de situar e de dosar corretamente as nossas intervenções reside essencialmente na convicção da importância universal de certas experiências precoces fundamentais (por exemplo, o complexo de Édipo), cujo efeito traumático é reanimado na análise (à maneira dos tratamentos “reativantes” em medicina) e, sob a influência da experiência pela primeira vez conscientemente vivenciada na situação analítica, é levado a descarregar-se de maneira mais apropriada. (p. 240)

Nestas duas passagens a noção de experiência remete simultaneamente ao ato de viver algo na análise e a ser capaz de apropriar-se psiquicamente de algo. E a segunda logicamente depende da primeira.

No parágrafo que encerra o texto Ferenczi (1924/1993) ainda afirma:

Essa terapêutica avizinha-se, em certos aspectos, de uma técnica pedagógica, dado que a própria educação – que mais não seja pela reação afetiva com o educador – apoia-se muito mais no experimentado do que na explicação. Uma vez mais, tal como na medicina, vê-se repetir o imenso progresso que representa a passagem de uma intervenção puramente intuitiva, e, portanto, muitas vezes desastrada, para a introdução deliberada da vivência analítica, porque sustentada pela compreensão. (p. 240)

A oposição entre “experimentado” e “explicado” deve ser destacada. A ênfase no experimentado me parece aqui crucial. Vinculá-la à compreensão dá indício de como Ferenczi avança na direção de uma técnica psicanalítica em que a capacidade de transitar entre níveis, abrindo espaços e ampliando condições de sustentação afetiva, direciona uma prática que pensará o campo da análise para além das interpretações transferenciais.

No texto “Contraindicações da técnica ativa” Ferenczi (1926/1993), acrescenta:

na realidade nunca se pode chegar à “convicção” pela via da inteligência, que é uma função do ego. O solipsismo constitui a última palavra, logicamente irrefutável, da pura intelectualidade do ego sobre a relação com outros indivíduos; segundo essa teoria, nunca se pode colocar no mesmo plano a realidade dos outros seres humanos ou do mundo externo e as próprias experiências pessoais; pode-se somente considerar os outros como fantasias mais ou menos animadas ou projeções. (pp. 374-375)

Ferenczi anuncia claramente seu propósito ao enfatizar a importância das experiências pessoais na transformação operada terapêuticamente.

E prossegue:

Portanto, quando Freud atribuiu ao inconsciente essa mesma natureza psíquica que se experimenta como qualidade do próprio ego, ele deu um passo na direção do positivismo que, do ponto de vista lógico, é presumível, mas não poderia ser demonstrado. Não hesito em assimilar essa identificação e as identificações que sabemos ser a condição das transferências libidinais. Ela conduz finalmente a uma espécie de personificação ou de concepção animista de todo o mundo circundante. Considerando sob o ângulo lógico-intelectual, tudo isso é de natureza “transcendente”. Ora, nós somos levados a substituir esse termo de ressonância mística por expressões como “transferência” ou “amor”, e a afirmar afoitamente que o conhecimento de uma parte da realidade, talvez a mais importante, não pode converter-se

numa convicção pela via intelectual, mas somente na medida em que ela estiver em conformidade com a vivência afetiva. Apresso-me a acrescentar, a fim de não deixar triunfar por mais tempo os adversários do conhecimento e da ciência, que o conhecimento da importância do elemento emocional constitui em si mesmo um conhecimento e que, portanto, nada temos a temer quanto ao futuro da ciência. Sinto-me pessoalmente convertido ao positivismo freudiano e prefiro ver em vocês, que estão sentados diante de mim e me escutam, não representações de meu ego, mas seres reais com os quais posso identificar-me. Sou incapaz de demonstrá-lo logicamente, mas se, apesar de tudo, estou convencido disso, devo-o a um fator emocional – se assim quiserem –, à transferência. (pp. 374-375)

É preciso destacar aqui a definição que Ferenczi nos dá do fenômeno transferencial, ou seja, um fator emocional. Recusa o primado da comunicação de ego a ego, a partir de representações, e afirma o primado de processos identificatórios apoiados em um fator emocional. Afirma, com todas as letras, que convicções, em termos da experiência analítica, não são conquistas intelectuais, mas sim conhecimentos que devem ser atribuídos à concordância entre uma parte da realidade e a vivência afetiva.

Uma noção precisa e abrangente de experiência psicanalítica (Klein, 2020; Klein, Vertzman & Coelho Junior, 2020, pp. 1-14), no entanto, ainda está por ser construída. Certamente é mais seguro falarmos em variedades da experiência psicanalítica, como o fez Richard Almond (2013) no título de seu interessante texto sobre as lições aprendidas com o retorno de antigos pacientes à análise. Ou, de forma mais determinada, como preferiu Salomon Resnik (2001):

A estrutura do ambiente analítico envolve um tipo de experiência muito particular – na verdade, quase único. O encontro ocorre em um determinado espaço e em um determinado momento, sendo que ambos os componentes participam da construção do campo operacional. (p. 163)

Trata-se, aqui, de explorar a relação entre tempo, espaço e experiência e investigar em que forma a experiência (vivida tanto subjetiva como objetivamente) e os acontecimentos em uma análise se articulam na formação daquilo que poderíamos chamar experiência psicanalítica. Com isso, quero indicar que a experiência psicanalítica é simultaneamente algo intrapsíquico e intersubjetivo, simultaneamente depende do que acontece no aqui e agora da sessão, como depende da travessia, da trajetória e da história vivida por analista e paciente juntos e separadamente. Quero também indicar que uma experiência pressupõe mudança, transformação e passagens em diferentes direções (do irrepresentado ao representado, do pulsional ao simbólico, da sensibilidade ao pensamento ou, eventualmente, na direção contrária). Mas, se tudo isso pode ser a experiência psicanalítica, vale lembrar que em cada sessão vivemos algo ainda não vivido, sem direção prévia determinada, apesar da certeza de que é a dimensão do contato com a alteridade radical do outro e do outro em mim (em alguma medida, sempre uma experiência traumática), que vai permitir que algo aconteça.

Experiência, experimental e experimentação

Para que as palavras “experiência”, “experimental” ou “experimentação” não sejam por demais diluídas e não venham a denominar tudo e, portanto, nada, é preciso considerarmos ao menos duas vertentes (ou acepções) da palavra *experimental* para que possa indicar com mais precisão o que me faz hoje recorrer a essas noções para falar do legado de Ferenczi para a psicanálise contemporânea:

a) Experimental ou experimentação (desde Francis Bacon), como o que indica o conhecimento provisório que é obtido metodologicamente com base em um experimento empírico (no caso da tradição empírica dos estudos científicos, um experimento é algo observável, cujos resultados suportam ou refutam hipóteses, tem variáveis controladas, busca previsibilidade, replicabilidade e procura descobrir conexões causais; busca-se generalização).

b) Experimental ou experiência, na acepção relativa ao reconhecimento da singularidade de um evento que nos surpreende por seus rumos inesperados. Fazer uma experiência é, nesse sentido, abrir-se para o novo, transformar-se, tornar-se outro (Heidegger, 1959/1976, p. 143). A experiência é caracterizada pela variedade e pela mutabilidade, ou seja, pela singularidade indissimulável do vivido. A própria experiência se dá na particularidade do vivido, duas experiências jamais são idênticas, mas semelhantes, e esta semelhança comporta diferenças.

É claro que essa distinção entre duas diferentes concepções de experiência remonta à querela dos métodos do final do século 19, que opõe observação (explicação) a interpretação (ou compreensão), e que pode nos ajudar aqui a clarear essas questões. Ou seja, há dois tipos de objeto para o conhecimento, os naturais (aqueles que existem sem a ação dos humanos) e os históricos ou culturais (aqueles que resultam da vida em sociedade). Longe de assistirmos à resolução final de um complexo debate como esse, testemunhamos áreas de saber como a psicanálise, cindidas entre as sedutoras tentações de se filiar seja ao modelo explicativo das ciências naturais (*Naturwissenschaften*), seja ao modelo compreensivo (ou hermenêutico) das assim chamadas *Geisteswissenschaften* (ciências do espírito ou humanas), como postulado por Dilthey no final século 19. No início da *Introdução às ciências do espírito (Einleitung in die Geisteswissenschaften)* (1883), Dilthey nos indica que existem dois tipos de experiência: a “experiência externa” e a “experiência interna” (*äußerer und innerer Erfahrung*), que estariam na origem da diferenciação dos tipos de ciência e de seus métodos (Dilthey, 1883/1922, p. 9). A experiência externa é o que delimita o âmbito das ciências naturais. Para Dilthey, a experiência externa é a que nos é dada pelos sentidos, ou seja, pelas percepções (Dilthey, 1883/1922, p. 9). Enquanto a experiência interna é a que caracteriza a ciências humanas. A experiência interna, para Dilthey, recobre o plano que ele posteriormente denominará “vivência” (*Erlebnis*). Na vivência, além das percepções provenientes dos sentidos, há também os sentimentos e desejos do sujeito, ou seja, a experiência em sua integralidade. E, ainda, como sugeriu o contemporâneo de Dilthey, Wilhelm Windelband (1894), as formas de conhecimento da experiência podem ser

divididas entre as ciências nomotéticas (as que permitem a generalização do conhecimento) e as idiográficas (as caracterizadas pelo conhecimento de um fenômeno singular), para quem a classificação é metodológica, uma vez que os mesmos sujeitos podem ser objetos de investigação nomotética ou idiográfica: neste sentido, nomotético e idiográfico são adjetivos qualificadores da natureza do conhecimento pretendido pelo pesquisador. Há, por fim, como se sabe, a proposta de Robert Waelder (1962), conhecida como a Escala de Waelder (1958), que procura estabelecer uma sequência de passos (da empiria da situação do atendimento clínico singular até a formulação de noções teóricas com pretensões universalistas), na construção de um caminho epistemológico para o estabelecimento do conhecimento em psicanálise.

Na tradição da psicologia experimental da época de Ferenczi, a noção de experiência (*Erlebnis*), no sentido fenomenológico, também mereceu destaque. Vejamos, por exemplo, o trabalho de Viktor von Weizsäcker sobre a percepção, em que esta só pode ser captada como vivência (*Erlebnis*) de um sujeito. O termo “vivência” deve ser compreendido com base no pressuposto da reunião (*Verbindung*) entre o eu e o seu objeto de percepção, e não no âmbito das representações mentais ou de separação entre o eu e o objeto. “‘Vejo este pássaro’ ou ‘sinto esta dor’; na atualidade destas percepções não há nada que indique uma separação, uma contiguidade ou uma sucessão do eu e do objeto”, comenta Weizsäcker (1939/1950, p. 185). É o princípio da intencionalidade fenomenológica indicada por Husserl que se apresenta nessas formulações.

Aceitas as distinções de caráter metodológico e epistemológico (que, como veremos, encontrarão na história da psicanálise autores nos diversos campos epistemológicos indicados acima), podemos voltar a uma noção que sempre valorizei, com base nas ideias de Freud e também nas ideias de Ferenczi, e que pretendo tornar atual: a noção de *experiência psicanalítica* (em 2004 publiquei meu primeiro texto dedicado a Ferenczi, “Ferenczi e a experiência da *Einfühling*”).

Ferenczi, em sua primeira década como psicanalista, como se sabe, esteve bem próximo da posição freudiana de fazer da psicanálise uma ciência natural, no modelo explicativo e com pretensões nomotéticas. A

partir de sua compreensão da transferência como um fator emocional e a progressiva incorporação da dimensão contratransferencial, ele parece favorecer a noção de experiência vinculada às ciências do espírito, em que predomina a metodologia compreensiva, e passa a abrir espaço para a singularidade de cada trabalho analítico, portanto, na vertente idiográfica. Entendo, no entanto, que o que predomina é a permanente tensão entre os dois polos metodológicos.

Os experimentos técnicos de Ferenczi, é bom que se diga, são fruto de um trabalho coletivo, de seu intenso diálogo com Freud, Groddeck e Rank, principalmente, além da contribuição inestimável de seus pacientes. Outros analistas posteriores, herdeiros da tradição freudiana, mas interessados em provar a validade científica do método psicanalítico, usaram experimentos e a disposição para a experimentação em uma direção um pouco diferente. Se acompanharmos a argumentação do psicanalista Henry Ezriel (1956) e sua discussão com os trabalhos de Hartmann e Kris (1945), encontraremos afirmações como a que se segue:

Sessões psicanalíticas, portanto, têm uma configuração pronta para experimentação, e é um pouco surpreendente que os analistas não devessem ter deliberadamente decidido usá-la desta forma (embora, na verdade, eles sempre tenham, até certo ponto, levado adiante experimentos ao olhar para as reações aqui-e- agora do paciente na busca por validação de suas interpretações). (p. 34)

Ezriel (que, embora em um ambiente kleiniano, era um psicanalista que trabalhava com grupos em Tavistock e tinha recebido grande influência dos trabalhos sobre o “campo dinâmico” propostos pelo gestaltista Kurt Lewin) relembra a tese de Lewin de que apenas forças existentes em um determinado momento podem ter efeitos naquele momento. Ou seja, que a experimentação em psicanálise deve observar e trabalhar com as forças de um campo analítico no aqui e agora da sessão, ao invés de buscar sua validação científica nas proposições genéticas, que buscam um elemento causal universal nas determinações dos fatos do passado para os comportamentos vividos no presente, em

uma sessão de análise. Por um outro caminho, Salomon Resnik (2001, p. 118) chegará a afirmar que “Diferentes perspectivas dentro do campo analítico podem fazer uma contribuição muito útil para a construção do ‘laboratório analítico’. A arte essencial de toda análise consiste em criar os necessários vínculos e instrumentos operacionais para este laboratório ‘funcionar’”.

Em caminhos diferentes, mas na mesma direção impulsionada por Ferenczi na história do pensamento e da prática psicanalítica, encontramos as contribuições de Winnicott (1963/1989) e suas próprias experimentações:

Tem-se de perguntar aqui: por que o paciente continua a preocupar-se com isto que pertence ao passado? A resposta tem de ser que a experiência original da agonia primitiva não pode ser deixada no passado, a menos que o ego possa primeiro reuni-la dentro de sua própria e atual experiência temporal e do controle onipotente atual (presumindo a função de apoio de ego auxiliar da mãe, ou analista). Em outras palavras, o paciente tem de continuar procurando o detalhe passado que ainda não foi experienciado. Esta busca assume a forma de uma procura deste detalhe no futuro. (p. 73)

É uma busca por uma experimentação clínica apoiada no reconhecimento da necessidade de um ambiente confiável no qual a regressão à dependência possa ocorrer e o colapso possa ser transformado em uma experiência. Sabemos que Winnicott é geralmente pensado como um continuador de Ferenczi em muitos aspectos. Mas os herdeiros de Ferenczi são muitos, e deixo em aberto a continuidade da investigação de como a experimentação clínica e teórica de Ferenczi influenciou a psicanálise contemporânea.

Não resta dúvida, Ferenczi tinha uma imensa capacidade especulativa e um enorme apreço pela empiria. Isso o tornou um grande experimentador, como indicou meu amigo Luis Claudio Figueiredo em conversa recente. E, como lembra Endre Koritar (2018), “Ferenczi pode ter ido a extremos em seus experimentos empíricos com a técnica”, mas, se o fez, foi em busca da ampliação da capacidade terapêutica da

psicanálise. Neste ponto gostaria de destacar o quanto o trabalho técnico de Ferenczi revela uma capacidade apurada de experimentação, em particular, de experimentar realidades. No interjogo permanente entre a realidade histórica e material (vivida e não lembrada) e a realidade psíquica, Ferenczi recorre à dimensão emocional, gerando experimentações, e assim deixando livre curso para o par analítico experimentar as formas possíveis e distintas de uma realidade transformada, que eu denomino realidade clínica. Felizmente, mesmo diante dos maiores desafios terapêuticos, a realidade nunca é uma só, pré-dada e imutável.

Considerações finais

Puxo a sardinha agora para a minha brasa, a de um psicanalista contemporâneo, para concluir aproximando a noção de experiência psicanalítica da noção de realidade clínica. Pesquisando sobre a noção de realidade na psicanálise (Coelho Junior, 1995), cheguei à formulação de uma noção a qual percebi que, como tal, definida nos termos que defini, estava ausente do vocabulário psicanalítico. Desde Freud, a noção de realidade apresentou vários problemas e gerou impasses diversos tanto em termos teóricos quanto clínicos. A oposição realidade-fantasia ou a oposição realidade externa-realidade psíquica, propostas por Freud, refletiam as dificuldades próprias de uma epistemologia realista, ou de um realismo ingênuo, como se convencionou chamar a teorização freudiana. Assim, insatisfeito com as consequências desse modelo para se pensar a clínica e, em particular, a forma como a realidade invade a clínica, passei a propor a noção de uma realidade clínica como uma realidade que não é única nem tampouco homogênea. Cada situação clínica é uma nova realidade clínica. As realidades clínicas não se repetem. As realidades clínicas não estão previamente estabelecidas, mas também não são apenas construídas por analista e analisando a cada sessão, não se trata de um relativismo. Compõem-se de diferentes e múltiplas realidades. Estão sempre em movimento e em transformação. Com base nessa noção, penso ser possível retirar do plano do trabalho clínico, mas talvez também do que está para além dele, a ideia de que existe

uma única e verdadeira realidade (e em nosso caso atual, pandêmico, um único e verdadeiro enquadre para o trabalho analítico). Estamos o tempo todo misturados a afetos e representações, postos diante de expressões verbais e não verbais, de posições objetivas e subjetivas. Esta é a realidade clínica sempre em movimento, sempre em transformação. Nesse trabalho, de 1995, defini a realidade clínica como uma realidade

possibilitada pelo duplo vértice da técnica psicanalítica, a associação livre do paciente e a atenção igualmente flutuante por parte do analista, [e que] a realidade clínica precisa também ser definida a partir do enquadre e de algumas características específicas do contexto terapêutico. A realidade clínica é a realidade transferencial; a realidade de uma relação que é simultaneamente uma relação atual e uma relação marcada pelas imagens de uma história de vida. (Coelho Junior, 1995, p. 166)

A realidade clínica constitui-se tanto com base na presença da realidade psíquica, como da realidade externa. Ao mesmo tempo, possibilita um deslizamento constante entre diferentes tipos de realidade. “Neste sentido, *a realidade clínica é o contexto ou a situação em que está presente a tensão* entre a realidade psíquica (e suas inumeráveis expressões) e a realidade material ou externa (com suas diferentes formas de efetividade); é também o contexto em que esta tensão pode ser analisada” (Coelho Junior, 1995, p. 166). Foi com base em questões como estas, que se encontram no campo entre a teoria e o âmbito clínico, que passei a formular o conceito de *realidade clínica*. A realidade clínica é uma e muitas ao mesmo tempo. É psíquica e externa ao mesmo tempo. “É condição e ao mesmo tempo resultado do trabalho terapêutico” (Coelho Junior, 1995, p. 189). É simultaneidade de percepções, afetos e pensamentos. É simultaneidade e ambiguidade. Passado, presente e futuro podem ser situados em um contexto em que as rígidas fronteiras dão lugar à possibilidade de circulação, à possibilidade de movimento e de criatividade. Entendo que essa era a principal força da experimentação que Ferenczi nos deixou de herança.

Por fim, gostaria de abordar ainda um último ponto, que, ao que me parece, permanece sendo a principal dicotomia no que diz respeito ao lugar de Ferenczi na história da psicanálise: de um lado, a visão de que ele foi fundamentalmente um continuador e alguém que soube como poucos ampliar e aprofundar o trabalho freudiano; de outro, a visão de que ele produziu em seus últimos anos ideias que rompem com a tradição freudiana e, portanto, instalam uma outra forma de se pensar e fazer psicanálise, diversa e eventualmente concorrente à de Freud. Diante dessa dicotomia sempre pensei, acompanhado de muitos colegas, que talvez fosse interessante considerar as duas visões simultaneamente e incluir Ferenczi tanto como um continuador de Freud quanto como um genial inovador, um criativo psicanalista que merece um lugar de destaque em qualquer ambiente psicanalítico contemporâneo.

Passados mais de um quarto de século do momento que Emanuel Berman (1996) chamou de a Renascença de Ferenczi, ou de 35 anos de seu *revival* como autor fundamental da psicanálise, já podemos ter algum distanciamento quanto ao que Ferenczi realmente produziu de inovador e que não deve ser desconhecido ou recusado, seja por meio de imposições institucionais e políticas no campo da psicanálise, seja por pura ignorância. Tradição e inovação. Ferenczi é um construtor da tradição psicanalítica e, ao mesmo, um genial inovador. Esse é o seu maior legado.

Ferenczi, la experiencia psicoanalítica y la realidad clínica

Resumen: Este artículo indaga la noción de experiencia psicoanalítica en uno de sus orígenes, a saber, la experimentación clínica y teórica en la obra de Sándor Ferenczi. Parte de su definición del psicoanálisis como método experimental y de la afirmación de que el psicoanálisis sería una psicología experimental intenta comprender la importancia de esta concepción en el desarrollo posterior del pensamiento y de la clínica psicoanalíticas. Paralelamente, explora algunos aspectos epistemológicos y clínicos que evidencian la contribución del psicoanalista húngaro al desarrollo del psicoanálisis contemporáneo. Para concluir trata de acercar la noción de

experiencia psicoanalítica y la de realidad clínica, concibiendo esta última como el contexto o la situación en la que existe tensión entre realidad psíquica (con sus múltiples expresiones) y realidad material o externa (con sus variadas formas de efectividad).

Palabras claves: experiencia psicoanalítica, Ferenczi, psicología experimental, realidad clínica, psicoanálisis contemporáneo

Ferenczi, psychoanalytic experience and clinic reality

Abstract: This article examines the notion of psychoanalytic experience in one of its origins, namely, the clinical and theoretical experimentation in the work of Sándor Ferenczi. It begins with his definition of psychoanalysis as an experimental method and the assertion that psychoanalysis is an experimental psychology and try to understand the importance of this conception in the subsequent development of psychoanalytic thinking and clinical practice. In parallel, explores certain epistemological and clinical aspects that make the contribution of the Hungarian psychoanalyst to the development of contemporary psychoanalysis evident. In conclusion, seeks to compare the notion of psychoanalytic experience with that of clinical reality, understood as the context or situation where a tension exists between psychic reality (and its numerous forms of expression) and material or external reality (with its different forms of operational efficiency).

Keywords: psychoanalytic experience, Ferenczi, experimental psychology, clinical reality, contemporary psychoanalysis

Referências

- Almond, R. (2013). Varieties of psychoanalytic experience: lessons from returning patients. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 61(5), 957-976.
- Baranger, W. & Baranger, M. (1961-1962). La situación analítica como campo dinámico. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, 4, 3-54.
- Berman, E. (1996). The Ferenczi renaissance. *Psychoanalytic Dialogues*, 6, 391-411.
- Bernardi, B. de L. (2010). Introdução ao artigo de Madeleine e Willy Baranger, “A situação analítica como um campo dinâmico”. *Livro Anual de Psicanálise* 24, 165-176. Escuta.
- Bollas, C. (2011). Introduction. In J. Sklar, *Landscapes of the dark – history, trauma, psychoanalysis*. Karnac.

- Coelho Junior, N. E. (1995). *A força da realidade na clínica freudiana*. Escuta.
- Coelho Junior, N. E. (2004). Ferenczi e a experiência da *Einführung*. *Ágora*, 7(1), jan. Recuperado em 14 de dezembro de 2022, de <https://www.scielo.br/j/agora/a/ssnWqNMCsMMNcVzBbrTxGQD/?lang=pt>
- Coelho Junior, N. E. (2022). Ferenczi et la variété de l'expérience psychanalytique: Ferenczi serait-il un psychanalyste expérimental? *Revue Française de Psychanalyse*, 86(4), 833-843.
- Dilthey, W. (1922). *Einleitung in die Geisteswissenschaften: versuch einer Grundlegung für das Studium der Gesellschaft und der Geschichte*. [Gesammelte Schriften, Vol. 1]. Teubner. (Trabalho original publicado em 1883)
- Ezriel, H. (1956). Experimentation within the psycho-analytic session. *The British Journal of Philosophy of Science*, 7(25). Sigmund Freud Centenary (May), 29-48.
- Ferenczi, S. (1992). A técnica psicanalítica. *Sándor Ferenczi. Obras completas*, II. Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1919)
- Ferenczi, S. (1993). Dificuldades técnicas de uma análise de histeria. *Sándor Ferenczi. Obras completas*, III. Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1919)
- Ferenczi, S. (1993). Prolongamentos da “técnica ativa” em psicanálise. *Sándor Ferenczi. Obras completas*, III. Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1921)
- Ferenczi, S. (1993). Contraindicações da técnica ativa. *Sándor Ferenczi. Obras completas*, III. Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1926)
- Ferenczi, S. (1992). A elasticidade da técnica psicanalítica. In S. Ferenczi, *Obras completas*. (Vol. 4, pp. 29-42). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1928)
- Ferenczi, S. & Rank, O. (1993). Perspectivas da psicanálise. In S. Ferenczi, *Sándor Ferenczi. Obras completas*, III. Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1924)
- Gadamer, H. G. (1989). *Truth and method*. Sheed and Ward. (Trabalho original publicado em 1960)
- Hartmann, H. & Kris, E. (1945). The genetic approach in psychoanalysis. *Psychoanalytic Study Child*, 1: 11-30.
- Heidegger, M. (1976). *Acheminement vers la parole*. Gallimard. (Trabalho original publicado em 1959)
- Klein, T. (2020). *A experiência para a psicanálise: sobre corporeidade, tempo e sentido*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Klein, T.; Vertzman, J.; & Coelho Junior, N. E. (2020). A linguagem como experiência: diálogos entre Merleau-Ponty e a psicanálise. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40, 1-14. Recuperado em 14 de dezembro de 2022, de <https://doi.org/10.1590/1982-3703003189598>
- Koritar, E. (2018). Ferenczi's experiments with technique. In A. Dimitrijevic; G. Cassulo; J. Frankel (dir.), *Ferenczi's influence on contemporary psychoanalytic traditions*. Routledge.

- Molin, E. C. dal (2012). Fresh old news from Ferenczi about the function of dreams: the dream as a Kur, as a treatment and as a Gyógyászat. *The International Journal of Psychoanalysis*, 93(5), 1175-1189.
- Resnik, S. (2001). *The delusional person. bodily feelings in psychosis*. Karnac.
- Waelder, R. (1962). Psychoanalysis, scientific method and philosophy. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 10, 617-637.
- Weizsäcker, V. von (1950). *Der Gestaltkreis: Theorie der Einheit von Wahrnehmen und Bewegen*. Georg Thieme Verlag. (Trabalho original publicado em 1939)
- Windelband, W. (1894). *Geschichte und Naturwissenschaft*. Rede zum Antritt des Rektorats der Kaiser Wilhelms Universität Strassburg, discurso proferido em 1 mai. 1894. Heitz.
- Winnicott, D. W. (1989). Fear of breakdown. In C. Winnicott; R. Shepherd; M. Davis (dir.), *Psychoanalytic explorations*. Harvard University Press. (Trabalho original publicado em 1963)

Nelson Ernesto Coelho Junior

ncoelho@usp.br